

Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lurdes Pintassilgo de Maria Helena Koning, 2007.

Fernanda Henriques
Universidade de Évora

Porque é que se apresenta um livro e para que é que se apresenta um livro? Há, certamente, uma dimensão afectiva na apresentação de um livro, há também uma dimensão social, publicitária, nessa apresentação, mas, sobretudo, penso que se apresenta um livro para lhe dar uma dimensão mais pública do que ele já tem quando é editado. Tratando-se de uma espécie de recenseamento, pelo que, a partir da apresentação, qualquer livro obtém ainda uma legitimidade de cidadania maior.

É neste sentido, no sentido de dar maior legitimidade de cidadania ao trabalho da Marijke, que faço esta apresentação/recensão.

1§. Que livro é este?

No prefácio da Helena Araújo diz-se que se trata de um livro que não é um livro habitual: «é um livro especial no campo da produção de textos universitários; defende-se o texto entre a auto-reflexividade, a intertextualidade, a evocação de memórias em torno da formação de grupos de mulheres, sobretudo em contextos de educação não-formal».

Trata-se, portanto, de um livro que não tem a postura canónica habitual.

Como leitora, diria que é uma narrativa autobiográfica verdadeiramente assumida – há aqui um eu claro, um sujeito claro de enunciação e de narração –, mas que, ao mesmo tempo, quis dar voz a muitos outros sujeitos. Se se tivesse alguma dúvida de que está em jogo uma narrativa autobiográfica, essas dúvidas acabariam perante um momento tão verdadeiramente interessante como estranho num livro destes: refiro-me ao diálogo entre os dois Eus da autora, o Eu teórico e o Eu prático – *Steo e Sopra*. Esta estratégia narrativa aponta decisivamente para o desígnio autobiográfico da obra.

Por outro lado, esta ideia de que a narração é feita através de muitos narradores e narradoras é uma clara posição tomada pela autora, que nos apresenta essa posição como uma posição política, inscrevendo-se na linha de Braidotti, quando fala das questões da citação e, no fundo, da política de citação. Dando voz à própria autora: «o fazer emergir de outras vozes na minha própria voz, não apenas para quebrar com os actos monológicos da razão masculina, mas também numa perspectiva de solidariedade» (Koning, 2007: 244).

2§. O livro chama-se *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lurdes Pintassilgo*. Do meu ponto de vista, a viagem é com a Maria de Lurdes Pintassilgo no horizonte de Paulo Freire, ou tendo Paulo Freire como ruído; na verdade, penso que a grande personagem, a grande marca é, de facto, a Maria de Lurdes Pintassilgo.

O livro divide-se em quatro partes claras.

A primeira parte é uma espécie de anúncio – este livro anuncia-se a si mesmo. A segunda parte surge como uma legitimação teórica-epistemológica de uma determinada concepção das Ciências da Educação que as propõe como permitindo:

- legitimar o assumir da voz do sujeito que investiga na investigação;
- integrar uma abordagem das instituições – neste caso, o Graal – que as tome como uma espécie de seres vivos, ou seja, com a sua face oculta, com os seus não ditos, permitindo o cruzamento entre o pessoal, o institucional e o público;
- dar legitimidade à narrativa como um modo de expressão científica.

Esta perspectiva sobre as Ciências da Educação é expressa quer pela própria voz da autora, quer pela voz de muitos autores e autoras que cita e que comenta.

A terceira parte, que considero como a mais relevante, a matéria propriamente dita, diz respeito ao Graal e as acções de que nos fala a partir daí, acções de formação do campo do não-formal.

Por fim, o que eu chamo um posfácio, e que é constituído, a meu ver, quer pelo curto episódio final do texto propriamente dito, em que se questiona sobre o sentido do que fez, quer pelo segundo texto, em que a autora fala do texto escrito (*ibidem*: 237 ss), e onde a questão do tempo é apresentada de uma forma extremamente interessante: *o texto é um entre duas dimensões do tempo – a que habitualmente chamamos passado e futuro –, mas não é presente, é um entre, entre tempos*. E essa forma, como escreveu, está assente numa citação: «Um futuro não começa em nenhum momento específico. Há sempre processos em curso e evoluções» (*ibidem*: 227).

Tentando ainda explicitar a natureza e a constituição do livro, vendo o índice dos títulos que nos apresenta, nota-se que há uma deslocalização intencional teórica-epistemológica, chamando para o debate e para a explicitação das coisas o entrecruzar, como cruzamento. Há ainda um outro género entrecruzado em termos do texto – é o entrecruzado dos géneros textuais que vão sendo chamados, nomeadamente os poemas e as baladas.

3§. O livro anuncia-se a si mesmo, isto é, é um livro que explicita qual vai ser o seu espaço retórico, e qual vai ser a sua intencionalidade.

Claramente, chama-se viagem, assumindo que a metáfora da viagem é o que o sustenta. Em meu entender, há algo mais forte, mais fundante do que a questão da viagem que é a questão do binómio *denúncia/anúncio*. É neste outro

cruzamento, que penso que está a chave, princípio hermenêutico de leitura deste texto. Aqui, mais uma vez, é Maria de Lurdes Pintassilgo que é a inspiradora. E, de alguma maneira, esta ideia de denúncia e do anúncio parece subterrânea em todo o texto, em vários pontos, como na página 16, quando diz «são os actos públicos de denúncia e de anúncio...» – e um livro é um acto público – «...que abrem brechas, que permitem traçar os sulcos...» –, e obviamente agora vem Maria Lurdes Pintassilgo – «...do nosso querer comum.» Mas é nesta brecha entre o denunciar e o anunciar, que, por um lado, denuncia/anuncia problemas dentro dos Estudos sobre as Mulheres, e dos grupos de mulheres, dos seus modelos teóricos e, por outro lado, denuncia e anuncia a questão dos adquiridos. Este binómio denúncia/anúncio funciona como uma desinstalação sistemática que o livro intencionalmente leva a cabo. Desinstalação que, no entanto, é esperançosa, e que, como anuncia sempre alguma coisa, não nos deixa completamente de mãos vazias.

4§. Gostaria de destacar três questões e uma dificuldade que tive muito gosto em acompanhar no pensamento da autora: 1. a questão da trilogia, sujeito-mulher/sujeito-eu; 2. a temática da concepção de História que está subjacente na obra; 3. por fim, a questão da Linguagem.

A dificuldade é mesmo uma dificuldade de princípio: a autora fala de pais filosóficos e de mães filosóficas que justifica e legitima bem. Manifesto aqui alguma estranheza na legitimidade desta relação ou de qualquer outra, pautada pela assimetria como estruturante das relações.

O motivo que me levou a destacar estes três temas prende-se com o interesse com que, pessoalmente, invisto cada um deles.

• sujeito-mulher/sujeito-eu

O que a autora nos propõe neste sujeito-mulher/sujeito-eu, é aquilo que, à falta de melhor, chamaria uma desconstrução reconstrutiva da questão da identidade. A designação teórica que a autora usa é a de Braidotti, a da identidade nómada; eu acrescentaria aqui que essa identidade nómada só tem a palavra através da narrativa e, portanto, esta identidade nómada é um aspecto da identidade narrativa. É a identidade narrativa que permite falar de uma identidade que não é um substância, não é um imutável, não é uma permanência, mas é um pólo de unidade e de responsabilidade e de compromisso, perspectiva que penso estar suposta ao longo de todo o texto. Tal perspectiva conduz-me a uma das autoras citadas, Julia Kristeva, que caracteriza a linguagem, como *esse espaço onde se faz e refaz o sujeito falante*. Penso que, no fundo, o livro fala deste fazer e refazer, mais que não fosse porque o horizonte de Paulo Freire, e a conscientização que o texto tão bem explicita, acentuam a passagem de uma consciência ingénua para uma consciência crítica, mostrando que não se trata de uma passagem de um lado para o outro, e antes de uma passagem que, simultaneamente, destrói esta ideia de identidade como algo fixo. É, portanto, possível falar de um Eu, nem que seja de um Eu que se

faz e refaz na linguagem, que, de alguma maneira, nos dá um instrumento possível de continuarmos a comprometer-nos com coisas em que acreditamos.

• o tema da História

A Marijke recupera um seu professor, da Universidade de Amesterdão, para nos propor uma concepção de história como «um termo útil para a praxis educativa com adultos e jovens» (Koning, 2007: 24). O seu professor distinguia dois tipos de histórias na prática pedagógica: «histórias de pessoas que narram experiências individuais, e histórias com as quais determinados colectivos, grupos, instituições, países e culturas interpretam, desde as suas origens, a sua existência e encontram e reforçam a sua identidade.» Esta ideia de história faz-me apelar a Paul Ricoeur que fala do facto de estarmos encavalgados nas histórias uns dos outros. É esta ideia de encavalgamento das histórias, que mostra que a minha história só ganha sentido no cruzamento das histórias das outras pessoas, que permite pensar que a história, como narrativa, é uma tessitura, com trama, com urdidura, com teia. Ou seja, realmente, essa ideia de que os Eus são também Eles, ou Elas e Outros.

• a Linguagem

Diria que este livro é um livro sobre o poder e os limites da Linguagem, onde a Linguagem aparece como órgão e como obstáculo; ou seja, aquilo que nos permite dizer o que queremos dizer e aquilo que nos impede de dizer tudo o que nós gostaríamos de dizer.

Há um poema da Sophia de Mello Breyner que pode funcionar como o grande resumo deste trabalho: «Este é o humor das palavras demoradas/moradas e habitadas/nelas mora, em memória e demora/o nosso encontro com a vida».

Este livro fala e deixa falar essa dupla dimensão da linguagem humana, o que, do meu ponto de vista, expressa a nossa transcendência, ao mesmo tempo que evidencia a nossa finitude. Paul Ricoeur fala da Linguagem dizendo que ela é o processo pelo qual a experiência privada se faz pública. Que, através dela, pela exteriorização que ela permite, uma parte da nossa vida acede ao logos do discurso, tornando (se) (nos) comum, partilha.

Este livro cita muito Heidegger para quem a Linguagem é como a casa do Ser, como se pela Linguagem tentássemos chegar a uma dimensão da realidade que sempre vai à nossa frente – ou atrás –, mas que sempre nos escapa, que sempre nos excede. Como a autora afirma, «este livro trata do sentido em construção» (*ibidem*: 207), ou daquilo que alguns autores chamam a dimensão nocturna da Linguagem para relevar o que, pela sua própria natureza, só pode ser expressado naquele diálogo entre os dois Eus, o teórico e o prático e não o que diz respeito ao que pode ser experimentado, verificado, validado.

• o obstáculo

Para terminar quero focar a questão do obstáculo que o livro me levantou. O texto legitima os pais e as mães filosóficos e filosóficas por considerar que o

contrário disso seria pensarmos que éramos todos iguais. E é aqui que está a minha dificuldade. Eu penso que não há nenhuma verdadeira relação se não for horizontal. Todas as relações são assimétricas, mas momentaneamente, isto é, umas vezes uns são pais e mães e outros são filhas ou filhos – embora não tenha grande apreço pelas metáforas familiares –, mas é uma questão de rotatividade; essa assimetria às vezes vai de um lado para o outro, e depois, outra vez, vai do outro para o um.

Do meu ponto de vista, no plano humano, só pode haver relações verdadeiras se forem horizontais. E penso que essa herança da horizontalidade tem a sua base em dois paradigmas. O primeiro é o paradigma espiritual do Cristianismo. Não há grego nem troiano, nem homem nem mulher, nem escravo nem homem livre, diz-nos o texto bíblico, ou seja, no plano humano só há relações horizontais. O outro é a utopia da igualdade da Revolução Francesa que, embora objectivamente só estivesse a referir o homem branco, contudo, abriu um horizonte socialmente inimaginável até aí. O Cristianismo tinha falado de uma igualdade espiritual; com a Revolução Francesa o que fica configurado é a possibilidade de que a igualdade seja também vivida nos corpos, nas situações e nas relações.